

O Espaço Destinado a Cobertura da Seleção Brasileira na Copa América Feminina Através do Portal do Globo Esporte e Lance em 2018 ¹

Katharina Barboza da CRUZ²
Márcia Mendes CAMPOS³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o espaço que a mídia esportiva brasileira destinou para a cobertura do campeonato feminino da Copa América, que ocorreu em abril de 2018. Através de uma pesquisa quantitativa foram analisados o portal do Globo Esporte e o Lance para que se comprove, de fato, o espaço atribuído à divulgação e visibilidade da modalidade feminina em um dos campeonatos mais importantes do futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol Feminino; Mídia; Visibilidade; Esporte; Gênero;

INTRODUÇÃO

O futebol feminino, que no início de sua prática passou por preconceitos e opressões, vêm conseguindo se destacar nos campeonatos mundiais, superando estatísticas. A Seleção Brasileira, por exemplo, tem como principal jogadora da equipe Marta Vieira, que conquistou, pela sexta vez, o prêmio de melhor jogadora do mundo, em 2018.

A Seleção Brasileira de Futebol Feminino possui atualmente sete Copas Américas e três jogos Pan-Americanos. Além dos prêmios nos Jogos Mundiais Militares e a Universíada de Verão. Mas, ainda sim, pouco se fala em futebol feminino no Brasil, e pouco se reconhece o potencial das atletas. Por isso a importância de se discutir sobre os espaços midiáticos destinados a essas mulheres, para entender a sua colocação nas manchetes esportivas nos dias atuais.

OBJETIVO

O objetivo geral da pesquisa é analisar o portal online do Globo Esporte e do Lance para identificar o espaço destinado a notícias relacionadas ao futebol feminino na Copa América. Já no objetivo específico se pretende identificar a relevância que se deu a Copa

¹Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Estudante de Comunicação do Curso de Jornalismo UNICAP- PE, e-mail: katharinahope41@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UNICAP- PE, e-mail: Spot4m@gmail.com

América, as notícias relacionadas e suas narrativas. Pretendendo analisar os acontecimentos do campeonato que não foram noticiados pela imprensa esportiva.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Mulheres na Sociedade e no Esporte

No contexto histórico da sociedade, a mulher desde cedo foi tratada como um sexo “frágil”, era proibida de se envolver em assuntos políticos, assim não tinha direito ao voto, tendo como papel principal, o de dona de casa.

A submissão ao marido na época, era visto como algo natural e, portanto, o homem possuía o “poder” de mandar dentro de casa. Esse ciclo perpetuou-se durante muitas décadas, até o surgimento do Feminismo no século XIX. O feminismo é um movimento político e social que deu às mulheres ampliação do seu papel e direitos. No entanto, a luta pelos direitos de igualdade entre gêneros ainda permanece árdua. Os preconceitos de séculos passados continuam enraizados em discursos machistas, que estão presentes nos esportes, como o futebol.

Se olharmos o esporte como fenômeno social que incorpora os comportamentos da própria sociedade, e se pensarmos na mulher inserida na história do esporte, veremos que ela foi, primeiramente, silenciada e invisibilizada. Na história da Grécia antiga, no início das olimpíadas, as mulheres não participavam como praticantes, mas sim para entregar o prêmio ao homem. Começa daí a própria historicidade na invisibilidade e silenciamento da mulher, em que ela não pode praticar esportes e serve, praticamente, como um troféu, que esperou cerca de 100 anos, desde os primeiros jogos de Atenas, em 1896, para ter sua primeira participação nas olimpíadas como atleta.

As mulheres atletas encontram, hoje em dia, nos jogos Olímpicos um dos principais espaços para a demonstração de suas proezas esportivas e delas participam ativamente, ainda que em números minoritários: De acordo com Wech e Costa (1994), as mulheres nos jogos de Barcelona (1992) eram apenas 26% do total de competidores, técnicos e dirigentes esportivos. (KNIJNIK,2003,p.23)

Segundo Jorge Dorfman(2003), a conquista da mulher no espaço esportivo mundial não foi um processo fácil. A inclusão feminina desde a gestão dos jogos olímpicos da era moderna enfrentou oposição por parte dos primeiros integrantes do Comitê Olímpico Internacional. Esse comitê era responsável pelo resgate dessa forma de disputa da Grécia Antiga e por sua reintrodução no mundo contemporâneo.

Ainda, segundo Jorge Dorfman (2003), no Brasil é visível o crescimento do número de mulheres participantes de competições esportivas importantes, como a corrida de São Silvestre e o aumento de quantidade de equipes futebolísticas femininas, terreno esse que era exclusivo ao homem.

Há décadas, as mulheres vêm mostrando o seu interesse por esportes pertencentes a âmbitos masculinizados. Em 1989, a analista financeira Karyn Marshall ergueu 110 kg para quebrar o recorde mundial nos campeonatos mundiais femininos de levantamento de peso. Em 1990, ocorreu o primeiro torneio mundial feminino de Hóquei no gelo. Em 1991, Patty Wagstaff tornou-se a primeira mulher a ganhar um título de aeróbica.

O Ruby, jogo de contato corporal físico, agressivo, foi durante muito tempo considerado um esporte masculino. Há vinte anos, os Estados Unidos tinham três times femininos de rugby; atualmente há 162 clubes. As mulheres francesas formaram um clube em 1965. As inglesas começaram a jogar rugby em 1983. Hoje em dia há 115 clubes femininos e duas mil jogadoras de rugby no mundo. (ABURDENE,1999)

Atualmente, as mulheres vêm quebrando recordes através de sua força e resistência, mas o preconceito do passado ainda se faz presente, enraizado em muitas modalidades esportivas, o que acaba gerando toda uma desigualdade de gênero, além da sexualização da mulher atleta, que é mais um desafio a ser enfrentado.

É exatamente no campo de futebol que algumas ações discriminatórias em relação à mulher esportista acontecem em nosso país. Campeonatos no sentido de embelezar a modalidade, dando espaço às mais bonitas em detrimento às mais bem-dotadas, tecnicamente ainda são organizadas no século XXI (KNIJNIK, 2003)

1.1. Futebol Feminino no Brasil

O futebol, paixão nacional, é o esporte mais popular no Brasil. Surgiu na Inglaterra por volta de 1862 e chegou ao país em 1985, através do esportista brasileiro Charles Miller, que descobriu o esporte em uma viagem à Inglaterra e o trouxe para o Brasil. Logo o jogo se popularizou e Miller ficou conhecido como o “pai do futebol”. Com base no *Football Association*, o futebol só chegou a ser jogado por mulheres, na Inglaterra, em 1862, segundo Moura (2003).

Mesmo levantando esta referência, torna-se difícil afirmar quando aconteceu a primeira partida. Quando tomamos como base os dados da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), a data que surge é de 1880, quando, na Inglaterra, Nettie Honeyball organizou uma partida. No entanto, surge, no livro de Bill Murray (2000), a afirmação de que em 1895, em Crouch End (Londres), Nettie (e não Nettle, como aparece nos arquivos da FIFA) Honeyball organizou um jogo entre mulheres do Norte e do Sul da

Inglaterra, que atraiu oito mil espectadores. Outra data, que aparece como da primeira partida oficial, é 1898, quando ocorre o jogo entre as Seleções da Inglaterra e da Escócia. (Moura, 2003, p.8)

No início dos anos 90 foram registrados os primeiros jogos mistos entre homens e mulheres, no Brasil, em que chegou a ser anunciado pelo jornal O Commercio de São Paulo e o Correio Paulistano em 1913.

Realiza-se hoje, no Velodromo Paulista, uma attrahente festa sportiva, em beneficio do hospital das crianças da Cruz Vermelha. Foi organizado um interessante macho de foot-ball, no qual os rapazes do Sport Club Americano preparam magníficas surpresas. Esse match será jogado entre um team de senhoritas e outro de rapazes. A iniciativa coube á senhorita Catharina Bertoni, que infelizmente não poderá tomar parte no grande 'match', visto ter sido victima de um accidente, num dos ultimas trainings. (Correio Paulistano, 25/011913)

Treze anos depois, em 28 de junho 1921, conforme Moura (2003), ocorreu a primeira partida oficial de futebol feminino, entre as senhoritas Tremembenses e Cantareirenses, em que chegou a ser anunciada pela *A Gazeta*. No entanto, por questões culturais e sociais, criou-se, no Brasil, o Decreto-Lei 3.199^a, que proibia mulheres de praticar qualquer esporte de natureza masculina. Esse decreto durou até 1979. Quando finalmente o decreto foi revogado, nasceram às primeiras equipes de futebol feminino no país, como o Guarani, de Campinas, e a equipe carioca do Radar, que chegou a conquistar vários títulos nacionais e internacionais. Em 1986, a Seleção Feminina disputou a sua primeira partida em um amistoso internacional, onde perdeu por 2x1 para os Estados Unidos.

No ano de 1991, foi criada a primeira Copa América de Futebol Feminino, em que a seleção feminina brasileira conquistou a sua primeira taça. Das oito edições até 2018, o Brasil ganhou sete, perdendo apenas em 2006 para a Argentina, onde foi Vice-Campeã.

1.2. Mídia e Futebol Feminino

Com o surgimento do futebol feminino no Brasil, os jornais começaram a divulgar pequenas notas, como foi o caso da Folha da Manhã e da Gazeta. O grande problema que perpetuava na época, era a posição dos médicos que condenavam a prática de futebol por mulheres, afirmando prejudicar áreas muito delicadas e importantes do organismo feminino.

O desportista José Fuzeira chegou a escrever uma carta ao presidente Getúlio Vargas, em 1940, alegando a gravidade da prática de mulheres no esporte:

“Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem

em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico de suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe” (Trecho da carta de José Fuzeira, publicada no Diário da Noite, em sete de maio de 1940)

Com isso, as empresas de comunicação começaram a mudar o seu posicionamento. A falta de investimento e o frequente ataque da imprensa fizeram com que vários times fechassem as portas. Atualmente, a realidade da cobertura jornalística é bem diferente a de 1940. Já não se publica matérias com o machismo escancarado sobre jogadoras que jamais teriam condições de alcançar a perfeição do futebol masculino, mas isso não significa que o machismo não esteja ainda presente, apenas foi “maquiado”.

Certa vez, o jornalista Sérgio Cabral chegou a fazer um comentário machista em um episódio em que lhe perguntaram sobre o que ele achava do futebol feminino.

O comentarista esportivo e ex-técnico João Saldanha disse ser contra — e justificou, com sua língua ferina: “Imagina, o cara tem um filho, aí o filho arranja uma namorada, apresenta a namorada ao sogro e o sogro pergunta a ela: ‘O que você faz, minha filha? E a mocinha responde: ‘Sou zagueiro do Bangu’. Quer dizer, não pega bem, não é?’ ” (MURAD, 1994, p.10)

Esse é apenas um exemplo de inúmeros casos que ocorreram, na época, por parte dos profissionais do âmbito esportivo, que possuem o poder de influenciar pessoas e invisibilizar atletas. Patrícia Aburdene cita em seu livro “Mega tendências para as mulheres”, uma pesquisa realizada pela AAF, de DeFrantz, em 1991 e 1992, nos Estados Unidos, intitulada “*Gender Stereotyping in Televised Sports e Coverage of Women’s Sports in Four Daily Newspapers*”, que mostrou, na época, que os esportes masculinos haviam recebidos 92% do tempo na TV, e os femininos, 5%. Já na imprensa, a proporção de matérias relacionadas aos esportes masculinos para os esportes femininos era de 23 para um. Em relação à abordagem jornalística, as mulheres atletas eram retratadas frequentemente como “garotas”, já os homens, em hipótese alguma eram chamados de “rapazes”. Nas coberturas de tênis é que se notava bem o diferenciamento de tratamento; comentaristas televisivos chamavam as tenistas pelo seu primeiro nome, em 52,7% do tempo. Já em relação aos tenistas masculinos, apenas 7,8% do tempo.

Segundo dados da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), apenas 4% da mídia especializada são dedicados a falar da mulher no esporte e apenas 12% das mulheres apresentam programas esportivos. A UNESCO também evidenciou machismo na cobertura esportiva, onde a estética e o físico das atletas eram o foco da cobertura, de forma a escantear a sua habilidade profissional.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada à pesquisa é a de análise de conteúdo, utilizada em estudos de conteúdo de comunicação e textos, de teor quantitativo. Dessa forma, foi analisada numericamente a frequência de vezes em que o portal do Globo Esporte e o Lance publicaram notícias relacionadas ao campeonato da Copa América feminina, com o intuito de saber o espaço midiático dado a essas atletas.

O período analisado foi entre março e abril de 2018, pois foi o tempo em que ocorreu a Copa América, campeonato onde o Brasil se consagrou campeão pela sétima vez. A escolha pelo site do Globo Esporte e o Lance se deu por serem portais de grande massa e alcance nacional. Contendo acessos diários por um grande número de pessoas. Dessa forma, sempre há um leitor que acompanhe ou se interesse pelas notícias relacionadas ao futebol feminino, mesmo que seja a minoria.

1. Globo Esporte e Lance

O Globo Esporte é um telejornal esportivo transmitido pela rede Globo desde 14 de agosto de 1978. Com a convergência midiática e o crescimento de pessoas concentradas na internet, o Globo Esporte migrou para a Web, com o site: www.globoesporte.globo.com, em 2005. O site na época foi uma novidade que facilitou ao torcedor acessar as notícias sobre o seu time com grande facilidade, através de um menu com os escudos de seus clubes. Em agosto, do ano seguinte, o site alcançou mais de um milhão de visitantes únicos e cobriu a sua primeira copa do mundo. Em fevereiro de 2015, chegou ao pico de 63% de usuários acessando a sua plataforma através de celulares e tablets. Hoje, o globo esporte é um dos portais esportivos mais acessados e popularizados no país.

O Lance é um jornal impresso carioca, lançado em 26 de outubro de 1997, junto com o site LanceNet. O jornal impresso passou por vários altos e baixos em 97, quase fechando as portas no ano seguinte, mas com uma consolidação empresarial, o jornal cresceu e se tornou o décimo jornal brasileiro em circulação. Em 2009, o instituto Marplan constatou 9,2 milhões de usuários únicos no site no mês de julho, tornando a plataforma uma das mais acessadas no Brasil.

ANÁLISE

Tabela N°1

JOGOS DO BRASIL

Seleções	Placar Dos Jogos	Data dos Jogos
Brasil x Argentina	3x1	(05/04/2018)
Brasil x Equador	8x0	(07/04/2018)
Brasil x Venezuela	4x0	(11/04/2018)
Brasil x Bolívia	7x0	(13/04/2018)
Brasil x Chile	3x1	(16/04/2018)
Brasil x Argentina	3x0	(19/04/2018)
Brasil x Colômbia	3x0	(22/04/2018)

Tabela N°2- Quantidade de notícias relacionadas à Seleção Feminina na Copa América publicadas no Portal do Globo Esporte durante o mês de março e abril: **(09)**

Datas de publicação	Títulos das Matérias
13/03/2018	Vadão convoca 15 atletas para novo período de treinos antes da Copa América
19/03/2018	Seleção feminina estreia contra a Argentina na Copa América
21/03/2018	Seleção feminina será a 1ª a usar novo uniforme em competição oficial, diz dirigente
28/03/2018	Com Cristiane, Marta e Formiga juntas de novo, Vadão convoca para Copa América
03/04/2018	Ex-Santos, Sole Jaimes dribla passado no Brasil e busca triunfo com a Argentina
04/04/2018	Vadão, sobre favoritismo na Copa América: "É a grande armadilha que não podemos cair"
05/04/2018	Marta: "Sem Copa América, não tem Olimpíada e Mundial"
22/04/2018	Brasil vence mais uma e é heptacampeão da Copa América feminina
23/04/2018	Após volta com título, Formiga não garante continuidade na

	Seleção: "Estou pensando"
--	----------------------------------

Tabela Nº3 - Quantidade de notícias relacionadas à Seleção Feminina na Copa América publicadas no Portal do LANCE durante o mês de março e abril: (01)

Datas de publicação	Título das Matérias
23/04/2018	Brasil conquista pela sétima vez a Copa América Feminina

RESULTADOS DA ANÁLISE E DISCUSSÃO

Durante o período de 13 de março a 23 de abril, apenas nove notícias foram publicadas no portal do Globo Esporte em relação à seleção feminina na Copa América. Vale ressaltar que a seleção ganhou os setes jogos em que disputou, com goleada de 8x0 sobre a seleção do Equador, no dia 07 de abril e de 7x0 contra a Bolívia, em 13 de abril, como mostra a tabela número 1. Nenhum desses resultados foi noticiado pelo portal do Globo Esporte, apenas no site da Gazeta Esportiva, Estadão e CBF.

Na análise comprova-se que não houve uma cobertura no portal do Globo Esporte sobre a seleção feminina na Copa América. O Brasil estreou no dia 05 de abril e encerrou o campeonato no dia 22, nesse período apenas duas notícias foram publicadas: no dia 05 e 22.

Não houve divulgação dos resultados dos jogos e as nove notícias que foram publicadas referem-se à estreia dos novos uniformes, convocação das atletas, favoritismo da seleção no campeonato e sobre a conquista do hepta campeonato pela seleção. Não há uma matéria mais aprofundada ou uma análise que trace como foram as disputas até a conquista do hepta.

Já no portal do Lance, apenas uma matéria foi encontrada, no dia 23 de abril. A matéria se referia justamente à conquista do hepta campeonato pela Seleção Brasileira. Dessa forma, comprova-se que ainda hoje há uma invisibilidade da mulher no futebol por parte da imprensa. Poucas foram às narrativas da mídia sobre a seleção feminina na Copa América, como se fosse uma competição subestimada, que não necessitasse ser contada e mostrada. Quando, na verdade, a Copa América é de suma importância para seleção feminina, pois o campeonato vale a classificatória para a Copa do Mundo de 2019, na França. Além dos Jogos Olímpicos de 2020, em Tóquio e Jogos Pan-Americanos, em 2019, no Peru.

Por fim, vale ressaltar que não houve cobertura esportiva na televisão aberta ou na TV por assinatura, no Brasil. Apenas no final do campeonato a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) fechou parceria com a rede social, *Twitter*, para transmitir com exclusividade os jogos em sua plataforma online, o que resultou em 400 mil espectadores.

CONCLUSÃO

Ainda que muitas atletas quebrem recordes, supere o número de troféus masculinos, como Marta superou o de Lionel Messi e Cristiano Ronaldo ao se tornar a melhor do mundo pela sexta vez, ainda há uma invisibilidade por parte da mídia e pela própria confederação brasileira de futebol.

Se fizermos uma retrospectiva veremos o quão dificultoso foi a luta por esse pequeno espaço que as atletas têm hoje. O futebol surgiu em 1862, e as mulheres brasileiras só puderam jogar em 1979. Já na Copa América, competição que existe desde 1916, a participação da mulher veio apenas em 1991. É um processo lento, que vem sendo construído há décadas e gerações e que ainda hoje sofre, pois continua curto o espaço destinado para debates de gênero, misoginia e sexismo no futebol e, também, na academia, em que na construção da pesquisa ficou evidenciada a dificuldade de encontrar dados relacionados ao surgimento do futebol feminino, principalmente em relação ao Brasil.

O levantamento de dados nos portais do Globo Esporte e Lance comprovaram que o espaço destinado ao futebol feminino na mídia continua escasso, o que reflete a desigualdade de gênero nos esportes. Muitas vezes, por vermos algumas notícias nos meios de comunicação relacionadas ao esporte feminino, acreditamos que a mulher vem ganhando espaço e relevância, mas quando paramos para analisar, vemos que o esporte, precisamente o futebol, ainda é dominado pelo homem. Podemos encontrar essa dominação e masculinização do futebol quando nomeamos, ainda hoje, “Copa do Mundo” ao invés de “Copa do Mundo de Futebol Masculino”, tornando a seleção feminina subordinada. Há quase 40 anos após a inserção da mulher no futebol brasileiro, é necessária, urgentemente, uma desconstrução da masculinização no âmbito futebolístico.

REFERÊNCIAS

ABURDENE, P. **Mega Tendências Para as Mulheres**. 2º edição. Ed Rosa dos Tempos, 1992.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012>. Acesso em: 03 Não é um mês valido! 2018.

GOELLNER*, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

KNIJNIK, J. D. **A mulher Brasileira e o Esporte: seu corpo, sua história**. Ed. Mackenzie, 2003.

MEIHY, J.C.S.B, WITTER, J.S. **Futebol e Cultura: Coletânea de estudos**. IMESP/DAESP: São Paulo, 1982.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **AS RELAÇÕES ENTRE LAZER, FUTEBOL E GÊNERO**. 2003. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274928/1/Moura_EribertoJoseLessade_M.pdf>. Acesso em: 10 abr.2018.

ROSENBERG, Morris. **A Lógica da Análise do Levantamento de Dados**. Editora Cultrix: São Paulo – SP, 1971.

SUGIMOTO, Luiz. **Mestrando relaciona o futebol feminino no Brasil com movimentos higienista, eugenista e feminista**. 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303>>. Acesso em: 02 abr. 2018.